



EM CORES: O PAPEL DA LITERATURA DE INFLUÊNCIA AFRICANA NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E MULTICULTURAL.

Luana Tavares da Silva¹

Cláudia Cristina Rezende Puentes²

RESUMO

Este trabalho é fruto de alguns anseios acerca das questões raciais, tendo como instrumento norteador a literatura de influência africana, com suas bases sedimentadas nas pesquisas etnográfica e bibliográfica, a proposta foi a discussão a partir de leitura e análise de contos africanos da literatura infantil. A fim de coletar dados *in lócus* as rodas de leitura e produções foram realizadas na Escola Estadual Monsenhor Luís Carlos de Oliveira Barbosa com turmas de 6º ano do ensino fundamental. Utilizamos questionários com o corpo docente, com os alunos participantes das rodas de leituras, gestores e coordenadores da instituição, assim como acesso ao acervo possuído pela escola no intuito de saber como está sendo o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, os principais desafios e as metas já alcançadas. Inserir a Literatura de influência africana no Ensino Fundamental é, sobretudo reconhecer o poder que a leitura tem na transformação social, é desconstruir paradigmas preconceituosos, onde os negros são vistos apenas como força e mão-de-obra explorada. É preciso perceber as diferenças e evidenciar o racismo no cotidiano escolar, sobretudo as manifestações veladas contidas no livro didático, uma vez que esses conceitos racistas corroboram com a autonegação da identidade negra. Assim as leituras de contos e lendas africanas proporcionam um novo olhar para a diversidade cultural do país.

Palavras-cahove: literatura – cultura – educação – racismo – identidade.

ABSTRACT

This work is the result of some anxieties about the issues racial, with the guiding instrument African-themed literature with their bases sedimented in ethnographic search and bibliographic, the proposal was a discussion from reading and analysis of African' short stories of children's literature. In order to collect data in the locus including reading and productions were held in the Escola Estadual Monsenhor Luís Carlos de Oliveira Barbosa with groups of 6th year of primary school. We use questionnaires to the faculty, with students participating in the wheels of readings, principals and coordinators of the institution as well as access to the collection owned by the school in order to know how is the fulfillment of the Law No. 10.639/2003, the main challenges and the aims already achieved. Insert the African-themed literature in elementary education is, above all recognize the power that reading has in social change, is to deconstruct prejudicial paradigms, where blacks are viewed as strength and labor explored. It's necessary realize the differences and highlight racism in school life, especially the veiled manifestations contained in the textbook, since these concepts racist corroborate the denial of black identity. Thus the readings of African tales and legends provide a fresh look at the country's cultural diversity.

Key words: literature - culture - education - racism - identity.

¹ Acadêmica do curso de Letras com habilitação em Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, CAMUZP – Campus Universitário Zumbi dos Palmares, União dos Palmares/AL.

² Especialista em Gestão de Instituição de Ensino Superior - Faculdade Maurício de Nassau.





INTRODUÇÃO

Um dos papéis da escola é o exercício da cidadania, a valorização da pessoa humana, no entanto o que constatamos é uma educação de massa a serviço do capital, que desmerece as nossas raízes culturais e históricas. Se há a sobreposição de uma cultura a outra logo não há valorização do ser humano, pois prevalece a falsa premissa de que determinadas pessoas são melhores que outras. Por entender a literatura não como algo pronto, mas como construção, movimento criativo intrinsecamente ligado aos anseios da cada época, é que fazemos tais reflexões a partir dela. Em cada texto há uma carga afetiva que mexe com cada indivíduo de forma singular, as marcas que adentram seguidas de imagens no fantasioso mundo da criança a acompanha durante toda sua vida, interferindo na sua construção de identidade e percepção do mundo que acerca de forma negativa ou positiva, a depender do que é proposto e de que forma as questões são trabalhadas. Pensando desse modo vemos na literatura de influência africana uma forma de desconstruir a figura folclórica e escravizada que durante muitos séculos aparecem nos livros. A lei 10.639/2003 traz para o cenário escolar uma série de mudanças que precisam ser cumpridas a risca, há uma mudança nos currículos de forma que privilegia uma escola multicultural, as escolas passam então a receber para os seus acervos livros que contemplam as nossas matrizes culturais, então o que discutiremos aqui é simplesmente a forma com que todos os atores envolvidos na educação recebem essas mudanças e até que ponto cada um cumpre com a parte que lhe cabe.

CAPÍTULO 1 – LITERATURA: O SENSÍVEL MUNDO DAS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO E PERCEPÇÃO DA SOCIEDADE.

A leitura nos afeta, nos tira do lugar em que estávamos

Ninfa Parreiras

1.1 A CARGA SUBJETIVA NO TERMO LITERATURA.

Se pretendermos compreender o papel social que a literatura exerce nas mais diversas sociedades é preciso antes entender o que é literatura. Partindo do conceito etimológico o vocábulo “literatura” decorre do latim *litteratura*, que é uma derivação de *littera*, *ae* e significa o ensino das primeiras letras. No campo da conceituação podemos dizer que ela

1250



ganha diversos sentidos através da linha do tempo, a princípio temos algo vago, pois literatura está apenas para a palavra escrita, para as letras impressas, outros diversos conceitos foram surgindo, a partir de meados do século XIII o termo foi conceituado de forma mais universal, tomando corpo para o campo imaginativo, a palavra que pode ser encarnada e ganhar forma a partir do estranhamento ao uso comum da linguagem, ou seja, nem toda palavra escrita e impressa é literatura, mas para que haja literatura é necessária documentação escrita, mesmo que essa tenha sua gênese na palavra falada.

[...] na verdade, somente procede falar em Literatura quando possuímos documentos escritos ou impressos. Ao contrário do que possa parecer, não existe uma atividade literária oral, paralela, quando não oposta à atividade que se exerce por escrito. A rigor, trata-se de transmissão, de comunicação oral do texto literário escrito ou impresso: depois que este surge, é que se processa sua manifestação em voz alta. (Massaud, 2003, p. 20)

Desse modo quando pensamos em obra literária, visualizamos um objeto concreto, a palavra então está materializada e sujeita as mais diversas impressões e reações. Vale salientar ainda que por mais que se tente chegar ao consenso quanto ao conceito de literatura seria no mínimo precipitado defini-lo, fechar o campo das possibilidades frente aos vários conceitos existentes. Fato inegável é a desconstrução da linguagem que o texto literário permite, episódios cotidianos, ou até mesmo inimagináveis associam-se num jogo de equilíbrio a partir da quebra entre significado e significante. É a estranheza da língua posta em movimento, da encarnação do não dito que se faz presente na ausência, as palavras caminham entre realidade e ficção. Fazendo apropriação do que disse o crítico russo Roman Jakobson a literatura representa “violência organizada contra a fala comum” É preciso deixar claro que essa é uma visão da crítica formalista e que para ela o caráter literário surge das relações diferenciais entre um tipo de discurso e outro, de modo que se tenta definir “literariedade” e não “literatura”.

A linguagem diária também pode vir carregada de literariedade, esse no sentido lírico, bem como uma obra literária pode nos chamar atenção por sua forma simples, pela sobriedade. Isso reforça a ideia de que uma definição objetiva do que é literatura seria restringir seu valor subjetivo, pois “A leitura nos afeta, nos tira do lugar em que estávamos”. Parreiras, (2009). Cada obra irá marcar de forma singular o leitor, as sensações e reflexões estarão intrinsecamente ligadas às variadas concepções de mundo ao redor de cada um, abre-se um livro acende-se uma luz, que ao passo que ilumina também tira-nos a visão. Infelizmente a literatura ainda não é um bem de consumo de todos, estando fora do alcance de alguns, haja vista que



A literatura é a única manifestação de arte que tem uma condição para o leitor: ser alfabetizado. Diferente do teatro, da pintura, da escultura, da música e da dança, que não apresentam condições para o espectador, a literatura exige que o leitor saiba ler. A criança pequena depende do adulto para fazer a mediação da leitura. E a criança maior, já alfabetizada, precisa do adulto para aproximá-la do livro. (Parreiras, 2009, p. 17)

Fica mais que evidente que o ambiente escolar é um dos responsáveis a propiciar esse contato, bem como a necessidade de educadores leitores, pois para conduzir o encontro do livro ao leitor é preciso conhecer algumas obras, só é possível uma boa indicação quando se conhece. A literatura só será acessível quando os abismos sociais forem ao menos atenuados, para que assim todas as crianças tenham seus direitos básicos garantidos, assim garantindo não só o acesso, mas a permanência na escola e que essa seja um espaço democrático de construção de saberes. Desse modo acredito que a literatura será um bem de consumo popular e cumprirá seu papel perante a sociedade, atingindo e afetando a humanidade.

Portanto, devemos reconhecer a literatura como um objeto simbólico, como possibilidade de subjetivação para a criança e o adulto, como um instrumento de criação de sentidos. Uma expressão que não comporta condições e regras, nem a priori (antes de ser criada e produzida), nem a posteriori (depois de publicada). (Parreiras, 2009, p. 22)

Não há como adjetivar a literatura, da mesma forma como não se pode explicar um poema, um verso, por mais aprofundada que seja uma análise crítica será incapaz de reproduzir fidedignamente as sensações sentidas e individualizadas em cada leitor, vale mais sentir o que se ler e preservar a forma como nos afeta que racionalizar as emoções sentidas durante a leitura. Se um historiador necessita observar a história de um ângulo, apoiado por indícios de fatos para contar a história, um poeta, um romancista ou um contista precisa se embriagar num rio de metáforas e mergulhar num mar de paixão para contar o mesmo fato, é essa mesma paixão que nos liberta a alma e aprisiona nossos olhos na busca do querer mais, devorar um verso, comer um romance, transpirar um conto, sentir cada uma das palavras, deixando vir a tona todas as imagens cruas que entranham em nossas carnes. Ela então se apresenta como um sentir.

1.2 NAS LINHAS E CORES: O UNIVERSO LÚDICO DA CRIANÇA

Ao tocar na infância, nos vem logo à mente algumas brincadeiras e a forma como as crianças se comportam através delas, o lúdico é mais que o universo fantasioso exercendo

uma forte influência na vida delas, nos momentos de brincadeiras entre pais e filhos há uma positiva carga afetiva, os laços de amor se estreitam, pois o adulto consegue chegar perto desse universo infantil. As crianças tendem a reproduzir nas brincadeiras aquilo que catalisam do convívio familiar e escolar, em todas as fases do desenvolvimento dela o lúdico ajuda na construção de imagens e significação. O ambiente escolar precisa atender essa necessidade do brincar de cada criança, precisa ser atrativa e ter um significado maior na vida delas e a figura do educador não deve jamais, ser opressora, os educandos tem uma necessidade de ter maior autonomia para desenvolver suas atividades e ter segurança nas relações afetivas que se constituem com os educadores e os colegas da sala. E isso só é possível se ele se sentir seguro, livre e não reprimido nesse ambiente.

Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo do educando revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo. (Freire, 1996, p. 123)

Não respeitar essa visão de mundo é tirar delas o poder de se perceberem enquanto seres humanos capazes de criar e recriar com liberdade. Todos nós somos dotados de inventividade e criatividade em maior ou menor proporção, e quando criança o mundo da fantasia nos possibilita inventar mundos desconhecidos, quando trabalhamos texto para criança é preciso lembrar essa magia, da forma como o mundo se faz em cores e traços, formas e movimentos no mundo singular de cada uma delas. Portanto a literatura infantil deve ter um trato especial, cores que propiciem a viagem imaginária dos pequenos, a palavra liberta e dotada de poesia, desde cedo é importante o contato íntimo com as palavras. Segundo Parreiras (2009) “A literatura é, principalmente, para ser lida. O professor não deve ficar receoso de levar um livro que trabalhe com as fragilidades humanas. A literatura é porta-voz dessas fragilidades. Cada leitor vai senti-las de uma maneira diferente.” Então a literatura está presente na construção das relações humanas, podendo abordar de diversas formas cenas que fazem parte do dia-a-dia.

Tudo é mutável, e vamos nos constituindo sujeitos de nossas histórias, as experiências, as brincadeiras, as noções de certo e errado, os limites, a escola não é a responsável por essas questões, essa deve vir antes através da família, no entanto a escola deve refletir e fazer com que os educandos reflitam sobre esses valores, há aí um choque de gerações, o educador vem de uma realidade diferente da do educando e nem sempre consegue observar essa realidade. Essa distinção deve servir para tencionar o debate, mas sem gerar um conflito. Por vezes a



criança não consegue compreender a linguagem do adulto, não por não serem capazes, mas por terem um discurso diferente, observar e trabalhar uma linguagem que alcance o universo da criança é um dos passos importantes para que haja uma relação harmônica em sala de aula, para que haja entendimento. As atividades ligadas a leitura deve ser feita a partir de momentos de descontração e fantasia, é hora de escutar o que a criança tem a dizer, de aceitar as escolhas dela, as invenções de jeitos e trejeitos para cada personagem.

O mundo se despe e se refaz diante do olhar de cada um, vejo o mundo com olhos guiados pelas experiências vividas, através das fendas que me contaminam, o vejo ainda com olhos da inexperiência e inexistência de quem ainda não viveu determinadas coisas, sem nenhuma mancha. Com que olhos os educadores veem as crianças? Qual o olhar da criança sobre o educador? Não quero deixar aqui respostas prontas, ou receitas, quero apenas compreender a afetividade que envolve o olhar o outro e poder senti-lo, facilmente percebemos que os professores em maioria olham os alunos como depósitos onde eles vão colocar conhecimento, ou como seres humanos inexperientes, sem um conhecimento de mundo, fato que normalmente o distancia do universo fantasioso das crianças. Os educandos por sua vez enxergam os educadores como seres superiores, dotados de conhecimentos e transferem para eles a necessidade de compreensão de mundo, veem neles a experiência que lhes faltam. Decerto essas duas visões distorcidas são meras construções culturais que necessitam urgentemente serem desconstruídas, quebradas e revistas. Há em cada parte experiências e inexperiências e para o equilíbrio de uma educação significativa requer antes sensibilidade para aceitar as diferentes formas de multiplicar os saberes, o respeito mútuo que muitas vezes pode ser construído com pequenos gestos de amorosidade e generosidade e no mundo dos pequenos porque não ensinar e aprender de forma lúdica? Escutar com atenção as necessidades das crianças pode ser o primeiro passo para uma educação democrática.

1.3 LUZ NEGRA: A PRODUÇÃO DA LITERATURA DE INFLUÊNCIA AFRICANA

Seria possível falar do povo negro sem rememorarmos a escravidão a que foram submetidos aqui no Brasil? Antes de fazer uma viagem nos cantos negros é preciso fazer uma viagem além mar, de sensações reais e oníricas que a poesia nos causa, chegar ao limite do conhecido e desconhecido, é, além disso, está disposto a perceber o quanto de nosso está intrinsecamente atrelado a cultura africana. Durante muitos séculos as vozes negras foram





silenciadas e poetas não chegaram aos nossos olhos e ouvidos com suas poesias carregadas de denúncias, encantos, ritmos, impregnada do jeito de ser. O nosso país “não racista” tem uma tendência perversa de branquear tudo, é essa nota cínica não racista que o torna massivamente racista. Depois de tanto sangue e suor que encharcaram esse solo de uma mãe ingrata, de transformar o amargor do fogo em doce, que torna leve o café fertilizado a base da desumana escravidão que engrandece aos senhores, nosso povo é descartado e invisibilizado. Sentimos essa invisibilidade através, também, da ausência do negro na Literatura Brasileira até o século XIX e a rara presença no século XX, nos deixam órfãos da nossa brasilidade, pois essa não existe por completo sem a parte negra, sem a parte indígena e sem a parte européia, privar a nação de uma dessas partes é privá-la de saber quem de fato é.

Não evidenciar os afrodescendentes na literatura é apenas uma das formas opressora e excludente, dentre tantas outras a que a população negra foi submetida. Ora há uma rica produção cultural que vem sendo marginalizada ao longo do tempo e se tornando visível hoje. Dentre os diversos livros que pude degustar na escola campo de estágio dessa pesquisa teve um que me chamou atenção ao primeiro olhar *O Negro em Versos*, uma antologia da poesia negra brasileira, ele faz um belo passeio através dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI apresentando alguns autores negros e suas poéticas que caracterizam justamente essa insatisfação e inquietude em não ter vozes representadas nos livros, Conceição Evaristo (2005) torna isso evidente quando nos brinda com: “Os que os livros escondem, as palavras libertam”. É essa liberdade nas palavras que queremos sentir quando se deseja um maior acesso a literatura africana ou de influência africana. As nossas crianças têm todo o direito de conhecer todo esse multiculturalismo que as pertencem, só assim poderão se apropriar, compreenderem e assim combater toda e qualquer forma de preconceito.

Com a implementação da lei nº 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura da África e dos afro-brasileiros, há um avanço na produção literária que abordem essa temática, no entanto temos que estar atentos, uma vez que diversos equívocos já foram evidenciados, um deles é tratar da África sem conseguir perceber as distintas áfricas, a variedade cultural e lingüística, um outro parêntese deve ser aberto, o que seria de fato literatura afro-brasileira? Pois aí nos remete a dois conceitos o ser afrodescendente e ser brasileiro e a mistura dos dois seria o afro-brasileiro? Será que o ser brasileiro já não faz de todos nós um pedaço afro, ou um pedaço afro que também tem sangue indígena e europeu? Não estou querendo dizer que por causa das misturas todos nós somos uma única raça, longe disso, o que tento tencionar aqui é o aspecto cultural, vale salientar que a literatura é uma



produção cultural. E assim sendo não consigo perceber uma literatura afro-brasileira, pois a cultura brasileira já carrega em seu berço raízes africanas, o que consigo perceber é que há uma literatura brasileira com temáticas africanas, que realçam as belezas diversas do povo africano, ou uma produção africana que merece todo o prestígio, que ao adentrar nas escolas conseguem transpor muros cuja ignorância sedimentou, os da falta de conhecimento acerca do hibridismo cultural.

O poema negro entoou versos duros, leves e sutis, assim, seduziu e engravidou a música popular brasileira e gerou com ela uma poesia impregnada de sentimentos, memórias, emoções e história. Uma poesia cheia de dor, saudade, festa, ritmos e segredos da luta por liberdade. “Pontos”, poemas concretos, mensagens cifradas, coisa de negro...para negro, cantados em versos em qualquer lugar, e que ainda hoje nos assombram e encantam o nosso imaginário. (Santos, 2005, p. 131)

Então o que chamo aqui de *luz negra* é esse poder que a palavra tem, de ser luz, de se esvaziar em ser cheia, a literatura onde o negro aparece com toda sua contribuição para a formação da identidade brasileira, traz um negro cheio de molejo e que faz uso desse molejo pra dar rima aos clamores de justiça, uma literatura rica, pois vem carregado de memória de humanidade, cheiro, sabor. Com toda a malemolência da oralidade, das crenças, costumes. Aparece o universo humano do negro, com alma que também tem cor, assim como sua pele, o belo, o apaixonante, uma literatura que exalta e nos aponta outras formas de compreender o mundo.

Na contemporaneidade já podemos encontrar uma quantidade de obras significativas, resta, no entanto fazer com que os professores de Língua Portuguesa se sintam dispostos a conhecerem e trabalharem essas obras com em suas turmas, tarefa que não é nem um pouco fácil, pois esbarramos na falta de preparo e em alguns casos de vontade de trabalhar a diversidade racial, por ser mais cômodo manter a estrutura tradicionalista e preconceituosa.

CAPITULO 2 – O RACISMO NO AMBIENTE ESCOLAR.

2.2 OS IMPACTOS RACISTAS NO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é um dos suportes mais utilizados pelos professores, portanto, é preciso estar atento ao que está contido nos textos comportados por ele, em algumas análises já foram averiguados que majoritariamente as famílias e costumes sociais que são representados e



propostos nas histórias têm como componentes homens e mulheres brancos europeizados, louros e de olhos claros, onde o pai tem um trabalho de destaque, a mãe, às vezes, trabalha, noutras, cuida apenas do conforto da família: as crianças frequentam escolas bonitas e cheias de crianças brancas, o negro aparece folcloricamente no período da escravidão ou em segundo plano, representado em minoria.

As crianças acabam incutindo essas ideias e externando esses conceitos de forma preconceituosa, toda criança quer ser o herói, as personagens mais bonitas, elas não querem ser comparadas aos personagens que não tem graça e destaque. Segundo SILVA, 2004, p. 37.

A criança negra raramente é retratada na escola. Ela aparece brincando ou trabalhando nas ruas, é o filho da empregada e quase nunca tem nome, é chamada por apelidos ou por sua cor (negrinho etc.). Percebe-se nela a ausência de características e atributos humanos, uma vez que sua presença é quase sempre associada a animais e seres sobrenaturais.

Esses conceitos racistas contidos nos livros, ainda fazem parte do cotidiano escolar, são manifestações veladas que prejudicam a identidade racial e cultural de nossas crianças. A escola pública moldada para atender às necessidades do capitalismo e dos grupos dominantes vem sendo uma das principais fontes de aculturação e esse processo impede a construção da identidade racial dessas crianças, perdendo apenas para os veículos de comunicação. Quando paramos para observar os grupos que frequentam as escolas públicas constatamos que em sua maioria são as crianças negras, pardas e brancas, filhos da classe operária e oprimida, são as crianças negras e pardas que deixam a escola mais cedo, são elas também que ingressam no mercado do trabalho ainda na infância, trocando os livros por mecanismos que lhes garantam a sobrevivência e sustentabilidade familiar.

É ainda no ambiente escolar que elas começam a desenvolver uma auto-rejeição negando suas raízes históricas e culturais, pois ao entrar em contato com os estereótipos das histórias vistas nas aulas, acabam criando uma imagem negativa do negro, uma vez que o povo negro lhes foi apresentado apenas como mão-de-obra escravizada na construção desse país, omitindo as heranças culturais que fazem do Brasil um país multicultural.

A negritude não está só na cor da pele ou no tipo do cabelo, ela está na herança genética da maioria do povo brasileiro, está no dia-a-dia, nas músicas, nos costumes, nas palavras, nas roupas, na religiosidade e crenças herdadas dos nossos antepassados africanos. Não se pode negar a história desse país, assim como não se pode fechar os olhos para o preconceito, que quanto mais silencioso age mais gravemente fere nossas crianças. Não há ato mais desumano que fazer um ser humano se sentir menos capaz, a ponto de se envergonhar de suas origens,





por não ser permitido a ele conhecer outra versão da história. É fato, ainda, que quando negamos a existência de negros e brancos apoiados numa falsa premissa de que somos uma única mistura, alimentamos o abismo que até os dias atuais existe, se no caso todo o povo brasileiro é uma mistura, não deveria constar nos gráficos que é a população negra a mais vitimada pelo descaso e falta de oportunidades.

Quando evidenciamos as diferenças, afirmamos a pluralidade cultural, as pessoas não são iguais, pensam e agem de formas diferentes, possuem jeitos e gostos distintos, cada traço, cada olho nos tornam únicos, exclusivos. No entanto perante a Constituição Federal do Brasil temos direitos e deveres iguais. A escola precisa intervir nas relações etnicorraciais para a desconstrução desse modelo racista e aculturado que conhecemos até hoje. Utilizando o livro didático como ponto de partida, tendo em vista que

Além de internalizar e reproduzir o tratamento pejorativo em relação ao negro, o livro didático expande a invisibilidade do povo negro, uma vez que este é quase ausente nele. Os personagens ilustrados no livro didático são brancos em sua grande maioria. Observamos que a figura do negro não aparece constituindo agrupamentos, multidões, famílias e casais. Ele é representado como minoria em grupos majoritariamente brancos. (SILVA, 2004, p. 68.).

Mas não é só o livro que apresenta problemas por está contendo textos racistas, o racismo no cotidiano escolar é algo muito mais sério, pois está dentro dos currículos, ele faz parte do sistema que estabelece uma relação entre dominantes e dominados, as classes que detém o poder e a classe que sustenta a estrutura. Está infiltrada nos currículos e reforçada nos livros didáticos a concepção de cultura e povo brasileiro, vista e pensada por uma minoria, que negam as influências dos povos indígenas e africanos na produção cultural do país, negando também que estatisticamente negros e pardos na verdade constituem a maioria, ao contrário do que é evidenciado nos livros, quando os personagens negros são expostos com funções inferiores, sem nome, com características de animais e seres imaginários ou demoníacos, em oposição ao branco que possui família, nome e sobrenome, que possui *status* social, estamos fazendo uma confusão nas mentes de crianças e adolescentes, fazendo com que eles rejeitem suas características, tendo vergonha e jamais admitindo ser negro, declarando-se “moreno claro”, “moreno escuro”, mas, negro jamais. Podemos perceber essa exclusão do povo negro dos currículos quando observamos alguns desses aspectos.

O Brasil Colônia, Império e República, teve historicamente, no aspecto legal, uma atitude ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto nº 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do





País não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependeria da disponibilidade de professores. O Decreto nº 7.031-A, de 06 de setembro de 1887, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares. (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2005 apud Pereira, 2007, p. 21)

É claro que os currículos passaram por mudanças, mas não se pode negar os diversos atrasos e prejuízos sofridos pela população negra, pela falta de acesso a educação escolar, um currículo que incorpore a história da população dos africanos e dos brasileiros afrodescendentes é um avanço significativo, mas de nada adianta se não for colocado em prática. Repensar o modelo educacional requer uma revisão de posturas e papéis, que passam pelos livros didáticos e a formação de todo o corpo docente, é está atento no que se ouve nos corredores das escolas, fingir que não existe preconceito e discriminação é ser cúmplice desse ato de violência. Diversas crianças brasileiras sofrem preconceito racial e isso interfere diretamente na auto-estima de cada uma delas, uma vez que “a questão da auto-identificação é não só puramente cognitiva e intelectual mas também afetiva” (Fazzi, 2006, p.55).

CONCLUSÃO

Após o cumprimento de todas as etapas do trabalho pudemos confirmar que a mudança acontece de forma vagarosa, mas se nenhum passo for dado ela não acontece, não se pode negar os avanços na mudança feita nos currículos, mas não podemos nos dar por satisfeito sem que antes essas mudanças sejam de fato efetivadas nas redes de ensino, sobretudo na rede pública, pois é lá que a classe empobrecida e oprimida se encontra. Os grandes entraves que aparecem ao decorrer do percurso deve nos servir de instrumento motivador.

Só a escola, ou os professores não farão a mudança, no entanto devemos impulsionar as mentes para que possam voar livremente, pois por mais que aprisionem nossos corpos, se tivermos uma mente livre ela libertará a carne, mas um corpo livre com uma mente aprisionada, faz dos ossos esconderijo para o mundo sombrio da falta de sonhos. Hoje a educação está posta para servir o capital, invertamos as ordens e transformemos a educação em um recurso a serviço da humanidade, enquanto o sistema cria meios de nos alienar, criemos meios de burlar o sistema e despertar nossas mentes do ostracismo das superficialidades, até que todos consigam enxergar a humanidade com as falhas e diferenças e



não a humanidade desumana com um perfil rotulado. Homens, mulheres, negros ou brancos temos todos os mesmos direitos, é preciso estampar em cada canto até que se faça justiça e tenhamos oportunidades mais justas e igualitárias.

Acredito que os questionamentos aqui levantados são pertinentes por terem atingido toda comunidade escolar, não se restringindo as teorias, mas vivenciando as experiências propostas, ouvindo, aprendendo a ensinar. Apresentamos para as crianças o negro tão humano e falho quanto o branco. É possível fazer da escola um espaço multicultural e anirracista.

REFERÊNCIAS

- BARROS NETO, Manuel de Lemos. **Psicanálise do teatro infantil: o papel conscientizador e terapêutico do teatro infantil**. São Paulo: Traço, 1984.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 44^o ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: 9^o ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**: tradução Waltensir Dutra, [revisão da tradução João azenha Jr.]. 6^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares**. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: 29^o ed. São Paulo: Paz e terra, 1996. (Coleção Leitura).
- MASSAUD, Moisés. **A criação literária: poesia**. 16^o ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- PARRREIRAS, Ninfa. **Confusões de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. 1^o ed. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura).
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 27^o ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. 2^o ed. Salvador: EDUFBA, 2004.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005, Coleção Teses.



SCHWARCS, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo. Publifolha, 2001. – (Folha explica).

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: o que é, como se faz**. 2º ed. São Paulo. Loyola, 1999.

